

O AMANHÃ É AGORA: PRESENTISMO NO MUSEU DO AMANHÃ

Leopoldo Guilherme Pio
leoguipio@gmail.com
UFRJ/IFCS/LAARES

Resumo: Neste artigo, avalio o discurso e as propostas do Museu do Amanhã a partir do conceito de presentismo, desenvolvido por François Hartog. O museu expressa em seu conteúdo um novo regime de historicidade, ou seja, um novo modo de relacionar passado, presente e futuro, caracterizado pela ênfase sobre o presente em detrimento do passado e do futuro. Proponho uma discussão a respeito desta ordem no tempo, capaz de produzir um novo sentido de historicidade, bem como novas relações com a memória.

Palavras-chave: Museu. regime de historicidade. Presentismo. memória.

Abstract: In this paper, I deal with the discourse and proposals of the Museum of Tomorrow from the concept of presentism, developed by François Hartog. The museum expressed in its content a new regime of historicity, characterized by emphasis on the present rather than the past and the future. I propose a discussion of this order in time, able to produce a new sense of historicity and memory.

Keys-words: Museum. regime of historicity. Presentism. memory.

SINAIS DO PRESENTISMO

Este artigo visa compreender os discursos e propostas do Museu do Amanhã a partir do conceito de presentismo, desenvolvido por François Hartog. Argumento que a proposta curatorial deste museu sinaliza a valorização de uma nova maneira de estabelecer as relações entre passado, presente e futuro, ou seja, um novo “regime de historicidade”.

De modo sintético, pode-se assumir uma transição do regime futurista para o regime presentista de tempo. Segundo Reinhard Koselleck, um dos elementos centrais que caracteriza a modernidade remete a uma nova percepção, inaugurada no século XVIII e caracterizada por fundar um futuro inédito e um tempo qualificado pela aceleração (Koselleck 2006, p. 35-36). Esta perspectiva se estende até o século XX, aquele que mais destacou o futuro, como lembra François Hartog (2013). Entretanto, a partir das últimas décadas do século passado, nossa relação com a história tornou-se mais presentista que futurista. O passado cada vez mais foi presentificado, e mesmo objetos e eventos recentes passam a sofrer um processo de historicização.

No regime histórico *futurista*, privilegia-se o futuro e o progresso. No presentismo, o passado é constantemente atualizado nos termos do presente: “um presente [...] invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado” (Hartog, 2006, p. 270). Trata-se, portanto, de um presente que absorve tanto o passado (que deve ser atualizado) quanto o futuro (visto como ameaça). O passado e o presente já são pensados enquanto históricos, o que explica o surgimento de um olhar museológico que caracteriza o presentismo. Todo evento do presente evoca sua imediata transformação em “história”:

“O presente, no momento mesmo em que se faz, deseja olhar-se como histórico. Volta-se [...] sobre si próprio para antecipar o olhar que será dirigido para ele, quando terá passado completamente como quisesse “prever” o passado, se fazer passado antes mesmo de ter acontecido como presente” (Hartog 2013, p. 149-150).

A organização do patrimônio como ramo fundamental da indústria de lazeres e do turismo é um indicador desta mudança de paradigma e, sintomaticamente, nas políticas urbanas contemporâneas fala-se mais na constituição de um “legado” do que na recuperação de uma “herança”. De fato, a ideia de patrimonialização proposta no Porto Maravilha se aproxima desse ideal presentista pois sua política de memória não trata apenas da salvaguarda de um patrimônio que se “perdeu” no passado ou de uma conservação dita “preventiva” (PIO 2014). A preservação da memória tem suas diretrizes fundamentais na dinâmica social corrente no tempo presente. Evidentemente, tal perspectiva produz efeitos significativos na elaboração de museus contemporâneos como o Museu do Amanhã.

MUSEU DO AMANHÃ: ENTRE O PASSADO E O FUTURO

A proposta curatorial do Museu do Amanhã foi elaborada pelo físico e doutor em cosmologia Luiz Alberto Oliveira e pelo jornalista e professor de cultura brasileira Leonel Kaz. Na visão dos seus idealizadores, o Museu do Amanhã pretende sensibilizar e interpelar o espectador, estimulando-o a pensar a respeito do futuro do planeta e da vida em sociedade. O discurso de Oliveira durante a apresentação do projeto em maio de 2011, explicita a proposta do museu:

“Estamos propondo outra geração de museu, o de perguntas e de explorações de possibilidades. Essa é a grande coleção desse espaço. Para transformar o nosso pensamento, para mudar o nosso comportamento e para abrir a nossa mente. É um conteúdo científico para desafiar a mente, uma abordagem artística para envolver os nossos sentidos e uma interpretação cultural da ciência para tocar as nossas emoções” (OLIVEIRA, 2011, p. ??).

Segundo o projeto curatorial (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2014, p. 1), trata-se de um “Museu de Ciências e de possibilidades”, pensado para “transformar nosso pensamento”, “moldar nosso comportamento”, e “abrir a nossa imaginação”. No segundo andar do Museu, o público percorre a exposição principal : uma narrativa multimídia estruturada em cinco grandes momentos – “Cosmos”, “Terra”, “Antropoceno”, “Amanhãs” e “Nós”. A cada momento corresponde uma pergunta: “De onde viemos?”, “Quem somos?”, “Onde estamos?”, “Para onde vamos?” e “Como queremos ir?”.

A primeira seção da exposição (“Cosmos”) apresenta uma colagem de imagens e informações a respeito do “nosso lugar no universo”. Os vídeos e projeções produzem uma imersão nas informações apresentadas – o aumento de artefatos e diminuição de recursos naturais, crescimento de população e aumento de longevidade, mudanças climáticas, entre outros temas. A impressão que se tem é que o ser humano faz parte de um conjunto de mutações aleatórias, de acasos biológicos. Compartilhamos nossa origem com universo muito maior que nós. Não há sequencias históricas evidentes entre as imagens apresentadas, o que ressalta o sentimento de fragmentação.

O momento seguinte (“Terra”) está associado à pergunta “Quem somos?”. É composto de três cubos de sete metros de altura, compostos por telas digitais que apresentam dados a respeito do planeta (“Matéria”), DNA e ecossistema (“vida”) e Funcionamento do cérebro (“pensamento”). Trata-se de um ambiente monumental, que provoca um olhar sobre as características do ser humano.

A área seguinte da exposição (“Antropoceno”, neologismo inventado pelo químico Paul Crutzen) discute a condição do ser humano e do planeta. Trata-se do ponto central da exposição, e que representa o presente: “a Era dos Humanos”. Segundo o documento que define o projeto curatorial:

“Entramos em uma nova era: o Antropoceno, em que a atividade humana se tornou uma força geológica. Estamos mudando os sedimentos dos rios, degradando biomas, alterando a composição da atmosfera, modificando o clima. O humano e toda a vida na Terra terão de se adaptar a estes novos tempos plenos de incertezas. O amanhã é feito de hoje. E o hoje é o lugar da ação” (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2014, p.2).

Interessante notar que já em 2011, um dos membros do comitê curatorial, Leonardo Menezes, já enfatiza a preocupação em discutir o presente:

“[o Antropoceno propõe] pensar o hoje, suas características e seus sintomas: a expansão planetária, o crescimento das cidades, o aumento do consumo, a explosão do conhecimento, a transformação dos ambientes naturais. Grandes telas vão exibir notícias ao vivo (selecionadas de canais de TV, sites de observação, etc.) sobre temas concernentes às ações do homem sobre o planeta. As instalações e experiências dessa área levam o visitante a tomar consciência do papel que desempenha na atualidade” (MENEZES, 2011, P. ??).

O “Amanhã” é a seção em que o futuro é representado como algo “carregado de imprevistos e perigos”. O risco da degradação da biodiversidade é um dos pontos valorizados. Optou-se por discutir de que maneira nossas formas de vida e práticas culturais interferem no ambiente natural. A colagem de possibilidades e situações apresentadas (mudanças no clima; aumento da população e longevidade; diversificação cultural, variedade de artefatos tecnológicos; redução da biodiversidade) me pareceram uma forma de interpelar o espectador a respeito de seus atos em relação ao planeta.

A última seção (“Nós”) propõe uma reflexão ao espectador. Transmite um sentimento de urgência: Diante dos riscos apresentados na seção anterior, há a necessidade de reorientarmos o presente. De fato, o projeto curatorial enfatiza que esta última seção pretende estimular uma tomada de posição do presente diante das possibilidades do futuro, “propondo o engajamento do visitante na ideia de que o Amanhã começa agora, com as escolhas que fazemos.” Assim, este futuro deve ser construído no presente, pois é só “a partir abismo do hoje que conseguimos estar no limiar do amanhã”, construindo nosso “legado” para as próximas gerações (FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 2014, p.8).

Neste ponto, vale destacar a diferenciação entre "museu-narrativa" e "museu informação", proposta por Gonçalves (2003). Segundo esse autor, a noção de "museu-narrativa" se refere ao museu na acepção tradicional do termo, preocupado com a autenticação e apresentação de objetos selecionados pelo seu poder de evocar o passado. O "museu-narrativa" possibilita uma "distensão psicológica" necessária para desenvolver uma experiência próxima à que ocorre na relação entre o narrador e seus ouvintes. Em geral essa experiência se vincula à história nacional ou à história de determinados grupos de elite.

Por seu turno, o "museu-informação" valoriza o poder comunicativo de ideias e valores em detrimento da continuidade e da autenticidade dos objetos do passado. Tais instituições se caracterizam por relativizar a importância dos objetos, vistos mais como “suportes materiais de ideias abstratas, como ilustrações dos textos; e menos como objetos a serem apreciados em si mesmos [...]” (GONÇALVES, 2003, p. 182-3). Para o "museu-narrativa", como a ênfase é posta no poder performativo e evocativo dos objetos (que falam por si próprios), o espaço expositivo produz uma fronteira, separada do exterior, que é o espaço da rua. Nesse sentido, o museu aparece como um local sacralizado e distanciado das experiências sociais cotidianas.

Uma leitura mais atenta dos princípios que norteiam o Museu do Amanhã demonstra que as características do “museu-narrativa” e do “museu-informação” não dão conta de suas singularidades. Segundo a apresentação do projeto, o Museu do Amanhã propõe um novo modelo de "museu de ciências", evitando tanto o foco na história natural, isto é, no passado (como os museus de história natural) quanto na preocupação única com a ciência e a tecnologia do presente (como os museus que

lidam com evidências e experiências científicas). Sua intenção é conscientizar o visitante do seu papel na construção do futuro através da fruição e manipulação de ambientes audiovisuais e instalações interativas. Em entrevista ao autor realizada em 2011, Leonardo Menezes explicou a proposta do museu:

“Porque como ele [o museu] não é um museu nem de "vestígios" – que não é de acervo histórico – como ele também não é um museu de demonstrações que ele não é um museu de ciências *per se*, que quer demonstrar gravidade ou efeitos óticos nem nada disso, ele é um museu de narrativa, um museu que quer apresentar essas diferentes possibilidades do amanhã [...]” (MENEZES, 2011, p. ??).

Assim, o museu do Amanhã se afasta claramente do modelo do museu-narrativa. E embora o Museu do Amanhã possa parecer à primeira vista uma espécie de museu-informação, uma leitura mais atenta indica que seus princípios são outros. Sua proposta valoriza mais o caráter performativo e provocativo de seus conteúdos do que seu poder informativo. Engloba, portanto, a utilização de tecnologias de comunicação cujo objetivo não é simplesmente informar mas provocar, produzir certo estado de perplexidade – fazer perguntas mais do que respondê-las.

Leonel Kaz define a instituição como um "museu-experiência". Pode-se deduzir que neste caso, o termo “experiência” designa uma percepção sensorial singular e marcante, estimulada pelo uso de novas tecnologias da comunicação cuja intenção é apresentar a trajetória do homem no planeta e o seu impacto sobre a natureza. Neste sentido, é curioso notar que, apesar de todas as referências às origens do universo, ao planeta Terra e ao surgimento do ser humano, não pude deixar de ter uma impressão de supressão do tempo dentro do museu. Não há menção significativa a eventos específicos, datas exatas, personagens históricos. Evocam-se eras geológicas, sensações, questões. Não mais focado na narrativa ou na informação, o Museu do Amanhã propõe provocar impactos emocionais no espectador, as quais não serão mediadas por objetos, mas sim pelo fluxo de imagens virtuais e textos, articulados às experiências científicas.

O discurso do museu não se estabelece como ato pedagógico sobre o espectador. Ao contrário dos museus tradicionais, não há uma “lição do passado” a

ser retirada da visita. Não se trata de um museu tradicional baseado em narrativas do passado e na classificação de “reliquias”.

O futuro, portanto, é entendido como uma construção baseada na experiência e não uma consequência lógica da tradição. Mais do que uma relação com o passado, o que está em jogo é a realidade contemporânea. Neste processo, a questão da autenticidade dos conteúdos do museu é no mínimo relativizada. Em seu lugar, evocam-se questões universais ou globais: a mudança climática, o aumento da população humana e seus impactos no planeta, a integração intercontinental entre os povos e a diversidade cultural.

Pelas questões abordadas neste artigo, pode-se deduzir que o Museu do Amanhã suscita questões importantes para compreender a temporalidade em que vivemos. Ao falar da modernidade, Koselleck afirma que “à medida que o homem experimentava o tempo como um tempo sempre inédito [...] o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador” (2006, p. 16). Mas, na contemporaneidade, o desafio não se encontra mais no futuro. Talvez porque “lugares de memória” como o museu analisado tenham encurtado a distância entre presente e futuro, talvez porque o futuro já não seja mais o mesmo. Ao propor uma espécie de engajamento ou consciência do presente como um momento de urgência, o discurso do Museu do Amanhã põe em dúvida o caráter necessariamente positivo do futuro e o valor *a priori* do passado. Seu discurso presentista não quer se ater ao passado, quer presentificar a memória. Tampouco deseja esperar o futuro, quer moldá-lo hoje. Assim, o “amanhã” se tornou uma presença incontornável do nosso presente.

REFERÊNCIAS

CDURP. Um museu das possibilidades. Disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/conteudo/museu_possibilidades.aspx>. Acesso em: 4 Mai. 2012.

FAJARDO, Washington. **Preservação para o futuro**. 2012. Disponível em: <<http://blogportomaravilha.wordpress.com/2012/09/27/preservacao-para-o-futuro/>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Museu do Amanhã - Projeto curatorial. 2014

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. Os museus e a cidade. *In*: Regina Abreu, Mario Chagas (orgs). **Memória e Patrimônio: Ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp 175-189.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

_____. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22 nº 36, jul/dez 2006. p. 261-273.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

MENEZES, Leonardo. **Entrevista concedida a Leopoldo Guilherme Pio**. Rio de Janeiro, 5 jun. 2011.

PEIXOTO, Paulo. "A cidade performativa na era da economia das experiências", in Carlos Fortuna; Lucia M. M. Bógus; Maria Amélia Jundurian Corá; José Simões de Almeida Junior (orgs.), **Cidade e espetáculo: A cena teatral luso-brasileira contemporânea**. São Paulo: EDUC, p. 141-151, 2013.

PIO, Leopoldo Guilherme. **Preservando para o presente: Novos sentidos do patrimônio cultural no projeto Porto Maravilha**. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.